

Conde De Villas Boas

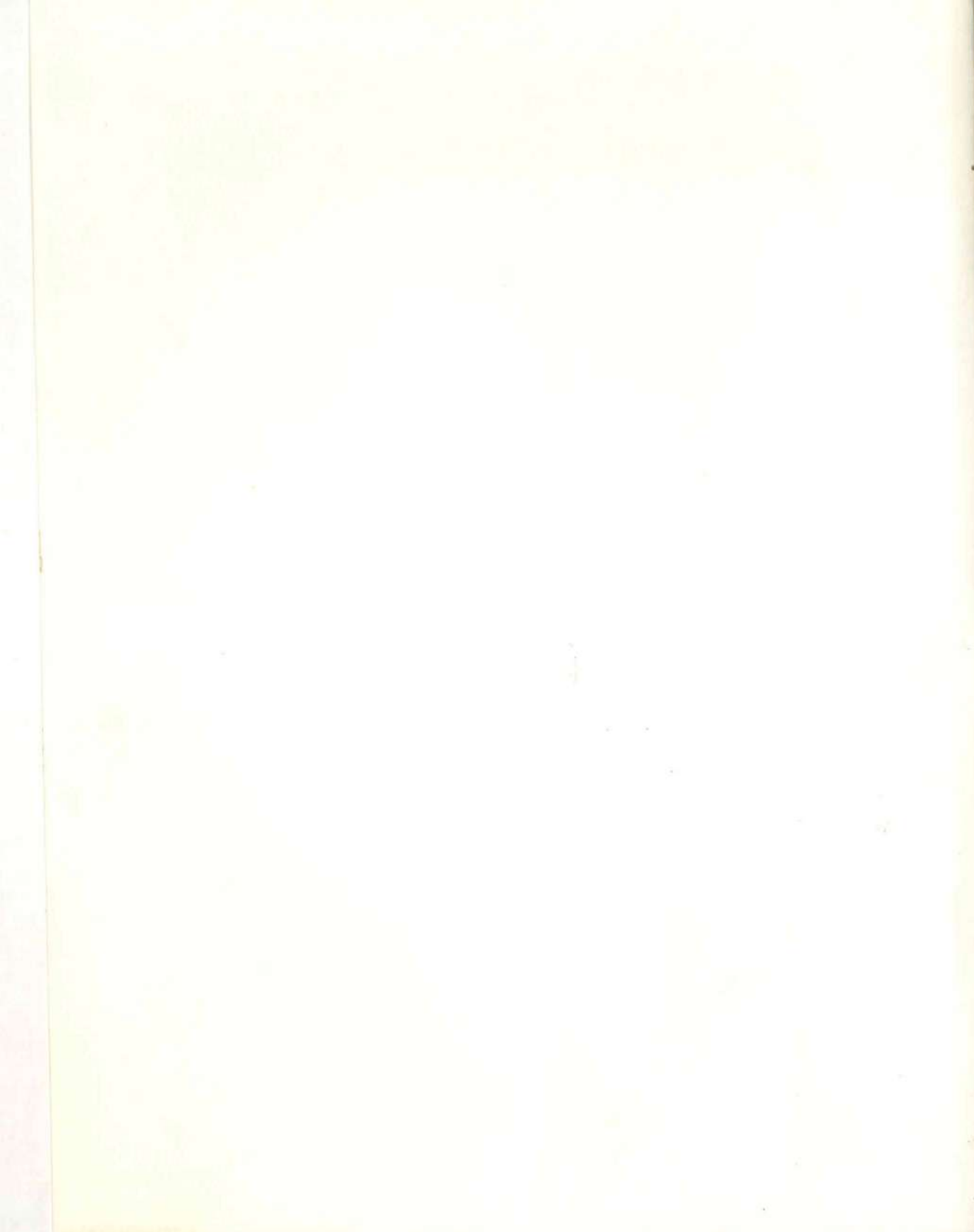
A BARCA DO LAGO



3)
9(369.12)(04)
IL







CONDE DE VILLAS BOAS

C.M.B.
Biblioteca

A BARCA DO LAGO

SEPARATA DE « DOURO LITORAL »
(N.º 5 DA TERCEIRA SÉRIE)

Barcelos Perm

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
N.º 6367

27. V. 1949

PORTO

1 9 4 9

Oferça
do

Ex.^{mo} Senhor Conde de Vila-Boas

em

27. Maio. 1949

A Barca do Lago

Em alguns números deste Boletim têm aparecido por vezes artigos muito interessantes sobre assuntos de carácter etnológico que não estão abrangidos pelos limites da Província do Douro Litoral, mas que nem por isso deixam de corresponder à etnografia da região de Entre Douro e Minho, a que esta divisão administrativa em grande parte pertence.

Não concordo com a actual organização administrativa, que agrupa sob a mesma designação provincial terras como, por exemplo, Arouca e Santo Tirso, a Feira e Penafiel, Espinho e Paços de Ferreira, e separa em províncias diferentes outras terras como Guimarães e Felgueiras, Famalicão e Vila do Conde, reunindo, para efeitos administrativos, concelhos que nem a Etnografia nem a História ou a tradição alguma vez consideraram ligados por qualquer laço que não seja o laço político da Nacionalidade, separando administrativamente outros, cuja afinidade a tradição, a História e a Etnografia e até os interesses materiais indicam como devendo estar administrativamente ligados, contrariando, assim, o sentimento íntimo e o desejo das respectivas populações.

Tem este assunto sido ponderado e discutido por homens eminentes de Entre Douro e Minho, e ainda no Primeiro Congresso Minhoto se ocupou dele com grande brilho e competência o saudoso Presidente do Grémio em Lisboa, Domingos Pires Barreira, minhoto de alma e coração, um dos principais organizadores e impulsionadores daquele Congresso, que apresentou uma tese sobre as fronteiras naturais do Minho, aprovada com entusiasmo, mas que até agora não teve quaisquer consequências. Nem sequer se realizou ainda o segundo Congresso Minhoto... a que aquele dedicado regionalista teria ido levar a sua palavra inflamada para conseguir que fossem oficialmente reconhecidos os limites naturais da província a que tanto queria.

Com este breve artigo se publica o mapa da província segundo esses limites, e nele quero prestar a minha homenagem à memória honrada daquele meu ilustre comprovinciano.

E, seguindo o exemplo que acima deixei apontado, permito-me dedicar ao Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História do Douro Litoral, a que tenho a honra de pertencer, este modesto artigo que, pelo menos etnograficamente, dele não destoa.

A pouca distância da foz do Rio Cávado, na freguesia de S. Miguel de Gemezes, do concelho de Esposende, o rio alarga de tal maneira, num remanso entre as margens, baixas naquele ponto, que toma o aspecto de um grande lago.



Havia quatro barqueiros sempre prontos e atentos ao chamamento de qualquer das margens.

Estes barqueiros eram eleitos pelo povo das freguesias limítrofes de S. Miguel de Gemezes, S. Martinho de Gândara e Santa Eulália de Palmeira de Faro.

Os povos das freguesias de Santiago de Castelo de Neiva, S. Paio de Antas, S. Fins de Belinho, S. Bartolomeu do Mar, S. Miguel das Marinhas, S. Martinho da Gândara, Santa Eulália de Palmeira de Faro, S. Miguel de Gemezes, e da Vila de Esposende, na margem norte do Rio Cávado, e, na margem sul, os de S. Salvador de Fonte Boa, S. João de Barqueiros, da Aldeia de Baçar, Santa Maria de Rio Tinto, S. Miguel da Apúlia e de S. Paio de Fão, davam anualmente *meio alqueire de milho*, e cada *morador deles* um molho de trigo e outro de centeio para estipêndio dos barqueiros.



A «Barca do Lago», barca de «Por Deus»

(Fotografia de uma aguarela existente no quartel dos Bombeiros de Esposende).

Em nome dos pescadores de Fão, cinco arrais de lanchas de pesca concorriam com meia canada de azeite de peixe cada um para o calafeto, cujo trabalho era feito de graça pelos calafates de Fão, e a Casa da Fervença dava a madeira para os consertos.

Na velha barca passou El-Rei Dom Manuel I quando foi em peregrinação a Santiago de Compostela, e, mandando pagar aos barqueiros, estes não quiseram receber e responderam: — «Não é nada; é por Deus».

Os moradores do Lugar da Barca do Lago, no primeiro domingo depois do dia de Todos os Santos, costumavam organizar uma merenda em comum junto da Ermida da Senhora, e dela repartiam com os pobres que aparecessem.

E tudo isto se fazia por Deus.

Entre as antigas tradições da velha Província de Entre Douro e Minho poucas haverá tão simpáticas como esta. Demonstração comovente e exemplo formoso de Fé e de Caridade Cristã.

A «Barca do Lago», cuja reprodução na gravura se vê em tamanho reduzido, passando ante os olhos do povo numa linda festa minhota, é um símbolo de solidariedade humana, de colaboração para o bem comum e daquela Fé que fez Portugal grande, forte e poderoso.

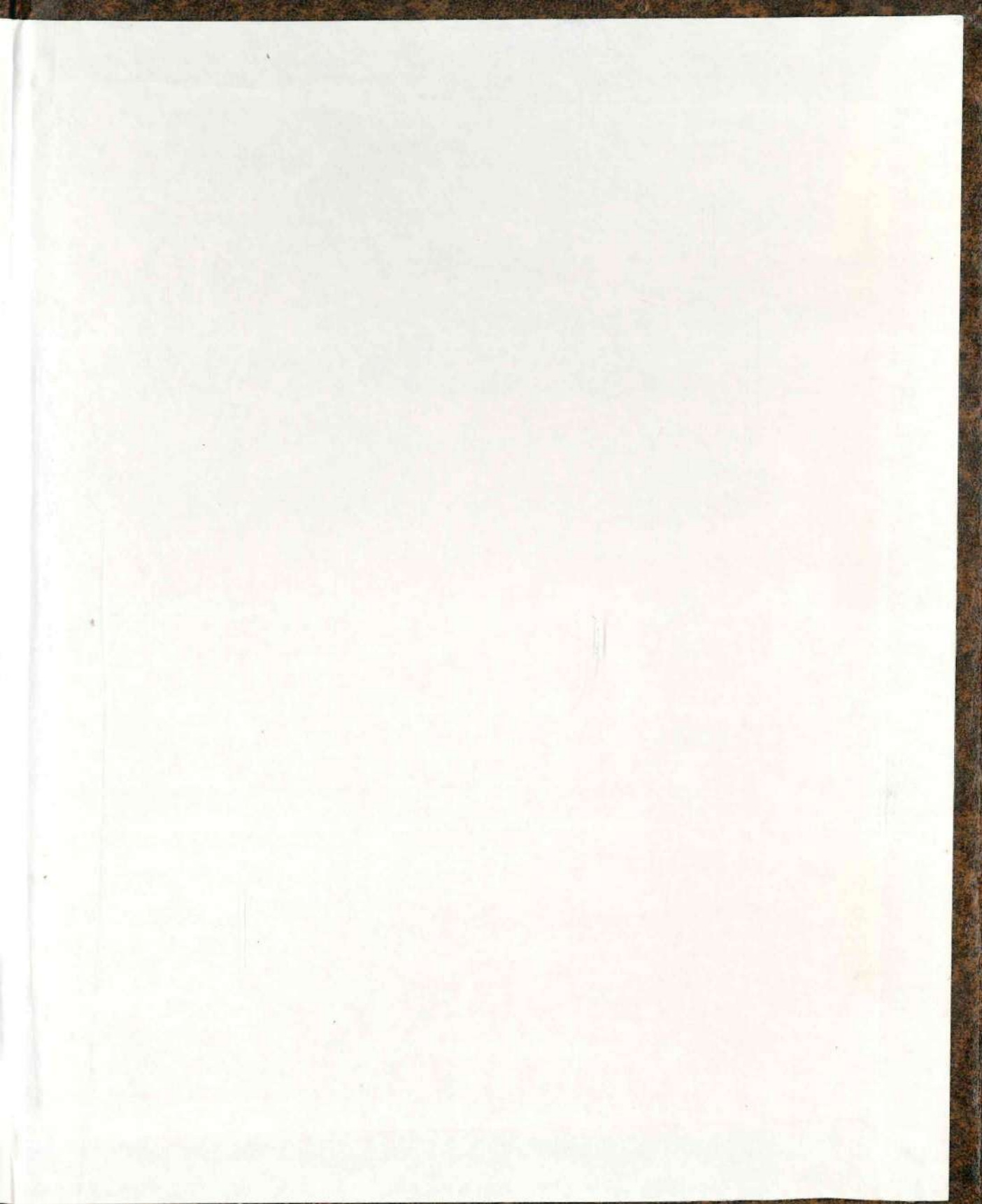
Que esses sentimentos vivam sempre na alma de todos os Portugueses, como vivem, graças a Deus, na alma do bom povo minhoto e na dos barqueiros da «Barca do Lago», da barca de «Por Deus».

C.M.B.
Biblioteca









biblioteca
municipal
barcelos



6367

A Barca do Lago